

Preservar é a única solução

Pesquisador da Embrapa Solos defende práticas conservacionistas como estratégia para atenuar o impacto da escassez hídrica.

Aluísio Granato de Andrade

[Ampliar foto](#)



(<http://www.portaldbo.com.br/Admin/Imagens/6884.jpg?format=jpg>)

deslizamentos de encostas e assoreamento de rios. Em 1844, após outra grande seca no estado, iniciou-se a restauração nas bacias dos rios Carioca e Maracanã.

Posteriormente, entre 1861 e 1873, o major Manuel Gomes Archer foi responsável pela execução de ações de reflorestamento em morros degradados pela exploração do café, no que atualmente corresponde ao Parque Nacional da Floresta da Tijuca. Com o decorrer do uso da mecanização na agricultura e, principalmente, com a adoção de práticas como a aração e gradagem, sulcamento, encanteiramento ou plantio, realizados morro abaixo, os problemas causados pela erosão se agravaram. Buscando conter o avanço desses problemas na região Sul do Brasil, foram adotadas práticas mecânicas, como o terraceamento, sendo também incentivado o cultivo em nível ou em faixas.

No início da década de 1870 é que se percebeu a importância de manejar adequadamente o solo, evitando expô-lo a ação devastadora das chuvas torrenciais, assim como a relevância da microbacia hidrográfica como unidade natural de planejamento conservacionista. Dentre os fatores responsáveis pela sustentabilidade dos sistemas de produção agrícola, o solo é considerado um dos mais importantes. A fina camada que recobre a superfície da terra e que levou bilhões de anos para se formar pode ser perdida em poucos anos pela erosão ou se tornar improdutivo, dependendo do uso e das práticas de manejo adotadas. A escolha de culturas em desacordo com a aptidão agrícola das terras, junto ao uso de práticas inadequadas de manejo do solo e ainda a falta de aplicação de práticas de conservação de solo e água pode levar a perdas de mais de 100 toneladas de solo/ha/ ano.

Em muitas situações, simplesmente ao mudar algumas técnicas de cultivo pode-se reduzir essas perdas para menos de 10 t/ha/ano, e pode-se chegar a menos de 1 t/ha/ano em áreas bem manejadas, se aproximando do que ocorre normalmente em solos sob vegetação preservada. A maior parte das terras sob uso agropecuário no

país estão ocupadas com pastagens. Estas, em geral, quando são formadas e manejadas com técnicas adequadas não acarretam perdas significativas por erosão (0,5 t/ha/ano), devido a serem eficientes coberturas do solo. Mas, considerando a baixa frequência da renovação das pastagens cultivadas no Brasil e sua grande extensão territorial (172,3 milhões de hectares), e, ainda o uso frequente do fogo e da aração morro abaixo, a falta e/ou a aplicação incorreta de adubos corretivos e o uso de espécies forrageiras e de taxas de lotação animal não recomendadas, verifica-se uma expansão de áreas com pastagens degradadas, que podem chegar a mais de 30 milhões de ha somente na região dos cerrados.

A reportagem completa está na edição de maio de Agro DBO. Assinantes também podem lê-la na edição digital. (http://www.portaldbo.com.br/Portal_v2/Revista-Agro-DBO)

Fonte: **Agro DBO 66**

